

INFORMAÇÕES

Alterações em horários de Missas: A Eucaristia de 4.ª feira é vespertina do Dia de Todos os Santos; no dia 1 será, como aos domingos, às 10 h.; e no dia 2, a Missa por Todos os Fieis Defuntos será às 19,15 h.

Fieis Defuntos: Pelo costume, a confirmar com os respectivos párocos, haverá Visita de Oração ao Cemitério Municipal, no dia 1, no fim da Missa das 15 h., a celebrar na Igreja da Ordem Terceira, e no dia 2, no fim da Missa das 8 horas; Ao Cemitério de Areosa, a Visita será na 5ª feira, dia 2, no fim do Jubileu das Almas que começa às 10 h.

Reunião da Comissão Fabriqueira: O pároco reúne com o Conselho Económico da paróquia na próxima 6.ª feira, dia 2, às 21 h., no Centro de Convívio. Como habitualmente, no início da reunião, qualquer paroquiano pode apresentar questões relativas à administração dos bens da Paróquia.

CPM – Encontros para Noivos: O Centro de Preparação para o Matrimónio (CPM) da nossa Diocese organiza mais um conjunto de Encontros para Noivos, a decorrer no Colégio do Minho, em Viana do Castelo, já a partir deste domingo, dia 28 de Outubro. As inscrições podem ser feitas no Colégio do Minho, no início do 1.º Encontro. Todos os noivos que pensam receber o sacramento do Matrimónio devem participar nestes Encontros organizados pela Diocese.

Ofertório para a nova Igreja: Publicamos hoje os contributos do Ofertório mensal de Outubro, por ordem decrescente: Notas e moedas soltas – 120,67 €; Anónima – 120 €; Rosária Mariana Valente – 80 €; Anónimo – 30 €; Anónimo – 25 €; Anónimo – 20 €; António de Sousa Pereira Melro, Margarida de Jesus Sousa Lima, Maria Martins Freitas e 2 anónimos – 10 € cada; Fátima Leal e 2 anónimos – 5 € cada. Total – 460,67 €. O pároco felicita todos os que partilharam para uma obra que será de todos.

Nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Anónima – 10 € (mensal); Maria dos Anjos – 10 €. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
29	Seg	18,30	Ana Gonçalves de Barros e Joaquim Rodrigues; Francisco de Passos Pereira da Silva; João Jesus da Silva; Francisco Azevedo Alves (1.º aniv.)
30	Ter	18,30	Maria Gonçalves Lima
31	Qua	18,30	Povo
1	Qui	10	Aristides Passos; Luís Silva da Rocha, Maria José da Silva, José Rodrigues da Costa e Maria José Alves de Sousa; Madame Aubert
2	Sex	19,15	Todos os Fieis Defuntos
3	Sáb	18,30	José Augusto Pereira Chiado; Maria das Dores Pereira Carriço; José de Fátima Ferreira Chiado; Abílio Pereira Carriço; Maria Machado e António Maria Rodrigues; Rosa de Araújo Fernandes; José Camilo da Costa Ramos; Manuel da Cunha Moleado; Alfrío Silva Meira; Armando Gonçalves Martins; Manuel Narciso de Sousa Ramos
4	Dom	10	Maria da Conceição, Domingos e Adosinda; Francisco Marques; José Guimaraes; Angelina Mesquita; Armando Martins Arezes e Maria Miquelina

PARÓQUIA VIVA

N.º 339 – 28/10/2007

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



30.º Domingo do Tempo Comum - Ano C



«Jesus disse a seguinte parábola para alguns que se consideravam justos e desprezavam os outros: “Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. ... todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”.» (Evangelho)

Quem tem medo da Europa unida?

Por: António Rego

Para alguns analistas os tempos nunca são bons. Sobretudo nas vésperas duma crónica ou comentário, os tempos são os piores que a história já conheceu. Há críticos tão mal dispostos cuja alegria única é azedar o maior número de pessoas possível. Isto acontece com quase tudo: na política, economia, cultura, ou mesmo religião. Não há milagre que valha.

Mas falemos, para não irmos mais longe, da Europa. Do nosso Continente, da nossa matriz e memória. Do nosso passado e do nosso futuro. Com as glórias e desaires que vamos conhecendo e adivinhando. Entre lutas, opressões, pecados mortais contra a humanidade e contra Deus. Terra de heróis e santos, sábios e místicos, aventureiros e contemplativos. Ponto de irradiação de tantos sinais luminosos que ajudaram a desenhar o planeta que habitamos.

Não esquecemos as guerras e mortes. Não esquecemos o pós-guerra e as iniciativas de ressurgimento que surgiram. Ligada ao que chamamos Ocidente, a Europa deu corpo aos tempos novos que vivemos. A União Europeia começou, como sabemos, por ser uma estratégia económica de muito poucos. A história e o espírito empreendedor de alguns foi rasgando horizontes, abrindo portas, alargando a comunidade. Com maiores e menores, mais ricos e mais pobres. O Tratado há pouco aprovado em Lisboa pelos líderes da União Europeia, surge na esteira de entendimento entre os mais e menos velozes na caminhada do progresso. Se são os mais pequenos que correm mais riscos - e são - também em muitos aspectos serão os que recebem maiores benefícios com a aproximação. A solidariedade favorece mais os mais fracos.

Certamente poucos pacientes lerão o complexo texto do Tratado. Mas o essencial está dito e entendido, foi sendo relatado ao longo de anos com total abertura para os protestos e achegas em ordem ao respeito por todos e à solidariedade dum Continente que conhece a sua importância no concerto das Nações.

(Continua na pág. 3)

30.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: *Sir. 35, 15b-17.20-23a*

2.ª leitura: *2 Tim. 4, 6-8.16-18*

Evangelho: *Lc. 18, 9-14*

- A verdadeira oração -

A probabilidade de, em qualquer livro de espiritualidade seja de que religião for, encontrarmos mais páginas dedicadas ao tema da oração do que nos Evangelhos é bem elevada. Se passarmos para o número de orações aí apresentadas, a probabilidade é ainda maior...

Apesar disso, o ensinamento dos 4 evangelhos sobre este tema é riquíssimo e fundamental.

Jesus fala-nos de uma oração ‘pagã’, baseada na quantidade de palavras e de orações longamente ‘bichanadas’... Fala-nos da oração ‘farisaica’, feita de peito aberto, como que querendo impor-se a Deus, já que se julga muito acima dos outros... Os evangelistas falam-nos do desejo dos discípulos de Jesus em poderem impressionar os outros com orações novas...

Mas a oração, feita ao jeito de Jesus, é diferente e nova por outros motivos. Antes de mais, porque é feita a um Deus que “sabe do que precisais antes de vós Lho pedirdes” (Mt. 6,8) e que vela por nós mais que o melhor dos pais; porque sabemos que “a oração do humilde atravessa as nuvens e não descansa enquanto não chega ao seu destino”. Este estilo de oração está exemplificado no publicano do evangelho, que “desceu justificado para sua casa”, não sucedendo outro tanto com o fariseu.

“Rezar sempre, sem desanimar” não significa estarmos sempre a bombardear Deus com os nossos pedidos, sempre de mãos postas ou desfiando terços atrás de terços, mas, sim, que precisamos de continuamente sintonizar o nosso coração com o coração de Deus e de acertar pelo d’Ele o nosso passo, para sermos realmente filhos seus.

De facto, na verdadeira oração pedimos sobretudo “a graça de consagrarmos sempre ao serviço de Deus e dos irmãos a dedicação da nossa vontade e a sinceridade do nosso coração” – assim rezávamos ao longo da semana que agora terminou. É esse o testemunho que nos dá S. Paulo, na segunda leitura, ao afirmar que combateu o “bom combate”, porque o Senhor esteve sempre a seu lado e lhe deu “força para que a mensagem do Evangelho fosse plenamente proclamada”.

Por tudo isto, também podemos fazer nossa a oração dos discípulos de Jesus: “Senhor, ensina-nos a rezar”, para fazermos da ‘sua’ oração a nossa oração, pois, mais que simples oração, ela é o programa de vida para todo o cristão.

Pe. José de Castro Oliveira

Secretário da CEP pronuncia conferência sobre as relações Igreja - Estado e aponta principais questões por resolver

O Secretário da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), D. Carlos Azevedo, lamentou que desde a assinatura da Concordata, em 2004, tenha havido poucos avanços “na regulamentação da sua aplicação, através de legislação complementar”.

“Esta situação corre o risco de gerar um vazio legal, com interpretações pessoais da Concordata por parte de Ministérios e quadros intermédios das estruturas da administração do Estado e com a tendência de julgar as realidades da presença da Igreja Católica na sociedade a partir da Lei da Liberdade Religiosa”, referiu o Bispo Auxiliar de Lisboa.

Este responsável falava numa conferência promovida pela Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, intitulada “O actual momento das relações entre a Igreja e o Estado”.

D. Carlos Azevedo lembrou que, na altura da assinatura da Concordata “foi consensual entre os membros da comissão negociadora e o Governo de então que, enquanto não se elaborasse a legislação complementar, continuaria em vigor a legislação de aplicação da Concordata de 1940”; decisão que “não tem sido sempre tida em conta”.

“Importa acelerar o processo de elaboração da legislação complementar, em diálogo do Governo com os respectivos serviços da CEP; e que expresse claramente, pelo que respeita aos diversos serviços da administração do Estado, que a legislação aplicativa da Concordata de 1940 se mantém em vigor até à aprovação da legislação anteriormente referida”, indicou.

O Secretário da CEP apontou problemas concretos, “onde há mal estar”, na área da Educação, da Solidariedade Social e das Capelanias Hospitalares e Prisionais, no sector da Fiscalidade, da Comunicação Social e do Equipamento Religioso.

Quem tem medo da Europa unida?

Por: António Rego

(Continuação)

A questão que agora se coloca é esta: quem explicará todo o articulado do Tratado de Lisboa para o colocar em Referendo? Como pode o povo dizer sim ou não a um todo que é muito mais que meia dúzia de chavões? Para que servem os eleitos do povo se não para estudarem e decidirem questões na especialidade? O gosto pelo desprazer não justifica o número de objecções artificiais que agora se podem levantar. Nem, a esta hora, o pretensão arranjo dum tijolo deve colocar em risco todo o edifício.

Papa pede defesa da liberdade e da vida

Bento XVI recebeu em audiência o novo embaixador do Equador junto da Santa Sé para a apresentação das cartas credenciais.

O Papa salientou nesta ocasião, que a humanidade encontra-se hoje perante novos cenários de liberdade e de esperança, perturbados às vezes por situações políticas instáveis e pelas consequências de estruturas sociais débeis.

Além disso amplia-se cada vez mais a interdependência entre os Estados. “Por isso é necessário e urgente trabalhar para a construção de uma ordem interna e internacional que promova a convivência pacífica, a cooperação e o respeito dos direitos humanos e o reconhecimento antes de mais do lugar central da pessoa e da sua dignidade inviolável”.

“A liberdade de acção da Igreja representa um direito inalienável e é a condição irrenunciável para desempenhar a sua missão entre o povo também em circunstâncias difíceis”, recordou depois Bento XVI ao Embaixador Fausto Cordovez Chiriboga.

Bento XVI constatou também a vontade decidida do governo de Quito de ocupar-se com prioridade dos mais necessitados, inspirando-se na Doutrina Social da Igreja.